

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

JULHO DE 1977

PROPRIEDADE DA

Director-Interino: MANUEL MAGRO

Redacção, administração e oficinas:
R. de «O Seculo», 41 e 63—LISBOA

Nº 1043

ANO 71º

TELEFONE 362751 — LISBOA ★

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR
TIRAGEM E EXPANSÃO

Empresa Pública dos Jornais SÉCULO
• REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E
— Rua de «O Seculo», 41 e 63

PREÇO AVULSO — 1 ESCUDO



RAMALHO EANES EM SANTARÉM

Nenhuma ditadura será imposta a Portugal



Giscard na Arábia Saudita troca armas por petróleo

PARIS, 21. — O presidente Valéry Giscard d'Estaing inicia, amanhã, uma visita oficial de quatro dias à Arábia Saudita, destinada a estabelecer novos acordos de troca de armamento por petróleo e a reforçar os laços da França com o Mundo Árabe.

A decisão francesa de libertar o dirigente de guerrilha palestiano Abu Daoud a semana passada conquistou a aprovação árabe e o presidente francês poderá esperar uma recepção calorosa.

Economicamente, a visita é uma das viagens mais importantes que Giscard d'Estaing tem feito desde que subiu ao Poder há quase três anos.

Em conversações com o rei Khaled e o príncipe coroador Fahd, o dirigente francês procurará obter vantajosos contratos de petróleo com a Arábia Saudita, que aumentou os seus preços em cinco por cento apenas, em contraste com o Irão e a maior parte dos outros produtores de petróleo que aumentaram os seus preços em 10 por cento o mês passado.

Espera-se que a França,

quase totalmente dependente do petróleo estrangeiro para as suas necessidades energéticas, aumente as suas aquisições de petróleo bruto à Arábia Saudita, que já satisfaz mais de um terço das necessidades francesas.

Os franceses esperam concluir um novo contrato, possivelmente durante a visita do presidente, envolvendo 36 milhões de toneladas adicionais de petróleo saudita a fornecer durante os próximos três anos.

Espera-se que este seja o primeiro de uma série de acordos semelhantes que pagarão os fornecimentos de armas francesas à Arábia Saudita e a outros aliados árabes, declararam autoridades francesas.

A França vai vender ao Egipto 200 caças-bombardeiros Mirage e ajudará a construir uma indústria de armamento árabe próximo do Cairo com o apoio financeiro da Arábia Saudita e de outros países árabes igualmente ricos.

Mas, ao aumentar as suas aquisições de petróleo saudita — mais barato — a França está a provocar a ira do xá do Irão que ameaçou publicamente cancelar os acordos para aquisição de centrais nucleares francesas e outros complexos industriais.

A França não pode permitir-se a perda de um tão importante mercado na sua actual campanha de exportações para o Irão e o presidente francês terá de utilizar toda a sua habilidade para acalmar fornecedores de petróleo rivais, disseram as autoridades.

Giscard d'Estaing partirá para Riad a bordo do avião de passageiros supersónico Concorde, acompanhado pelos ministros dos Negócios Estrangeiros Louis de Guiringaud, da indústria, Michel d'Ornano, do Comércio Externo, André Rossi e por peritos de energia.

Giscard d'Estaing discutirá também, as perspectivas

para uma solução final do conflito israelo-árabe, bem como uma possível cooperação franco-saudita num projecto para reconstruir o porto de Beirute — devastado pela última guerra civil no Líbano.

Eleições gerais antecipadas?

Entretanto, a França pode estar a encaminhar-se para eleições gerais antecipadas, devido à crise existente no seio da maioria governamental — dizem observadores políticos de Paris.

A crise surgiu na passada quarta-feira, quando o ex-primeiro-ministro Jacques Chirac, chefe do Partido Gaullista, anunciou a sua intenção de se candidatar ao cargo de presidente da municipalidade de Paris, cuja eleição decorrerá em 14 e 20 de Março, contra Michel D'Ornano, ministro da Indústria e elemento destacado do Partido Republicano Independente do presidente Valéry Giscard d'Estaing.

Os planos de Chirac foram imediatamente atacados pelos aliados de Giscard d'Estaing, que os consideraram um claro desafio ao chefe do Executivo francês.

Jean Lecanuet, ministro do Equipamento e do Planeamento Económico e chefe da facção centrista maioritária, foi o primeiro dos dirigentes políticos franceses a aventar a hipótese de eleições antecipadas.

Por seu turno, o primeiro-ministro, Raymond Barre, perito económico não vinculado a qualquer partido, condenou, também, prontamente, a decisão inesperada de Chirac. Barre substituiu Chirac em Agosto passado, depois de este se ter demitido do Governo por discordar de alguns pontos da linha política seguida pelo presidente da República.

Muitos ministros criticaram a decisão de Chirac, sublinhando, sobretudo, que a mesma só aumentará as hipóteses da «coligação de esquerda» vencer em Paris. — (ANOP-R)



● CURTIS PRESIDENTE DOS DEMOCRATAS — Foi hoje eleito para a presidência do Partido Democrático norte-americano o antigo governador do Maine Kenneth Curtis, amigo íntimo do presidente Jimmy Carter.

Curtis, de 45 anos, fora escolhido em Dezembro como sucessor de Robert Strauss, que anunciara a sua demissão depois das eleições de Novembro.

O novo presidente do Partido Democrático foi eleito por aclamação pelo «comité» nacional do partido, reunido em Washington.

Depois de eleito, o novo presidente prometeu reorganizar as estruturas do partido e abrir as portas deste aos interessados, anunciando igualmente o próximo lançamento de uma campanha destinada a «avaliar a disposição e necessidades da nossa população, tão heterogénea».

LIVROS PARA TODAS AS IDADES



Manifestação cultural do maior interesse, a Feira do Livro, que ano após ano se prolonga em extensão pela Avenida da Liberdade, continua a despertar — a despeito de algumas nítidas carências —, o maior entusiasmo, quer aos jovens quer aos mais velhos, uns e outros sempre ali à procura do "melhor e mais novo".

Haig: o Pacto de Varsóvia tem um carácter eminentemente ofensivo

O comandante supremo da NATO, general Alexandre Haig, concluiu, ontem, uma visita de dois dias e meio ao nosso País, que lhe permitiu, segundo ele próprio afirmou, «observar os grandes progressos que têm sido feitos na modernização das Forças Armadas Portuguesas.»

No aeroporto, Haig recebeu cumprimentos de despedida do general Rocha Vieira, chefe do Estado-Maior do Exército; do general Vasco Lourenço, comandante da Região Militar de Lisboa; do general Silva Cardoso e de outras individualidades militares.

Falando aos jornalistas pouco antes de partir, o general Alexandre Haig declarou que, durante a sua estada em Portugal, discutiu «com certo pormenor com as autoridades militares portuguesas os actuais esforços dos países membros da NATO para auxílio a Portugal nesta fase de modernização e desenvolvimento das Forças Armadas.»

«Como sabem — disse — as Forças Armadas Portuguesas já receberam diverso equipamento, como cinco tanques e material logístico e de comunicações, e discutimos, agora, diversos tipos de equipamentos que em breve serão fornecidos a Portugal.»

Sobre a sua visita ao Campo de Santa Margarida, onde se procede à instrução da brigada portuguesa da NATO, o comandante supremo da Aliança Atlântica salientou o progresso realizado

portuguesas no campo do planeamento, organização e modernização da brigada.

«Esta brigada — acrescentou — destina-se a operações da NATO e constitui uma boa base para a modernização geral das Forças Armadas e, nesse contexto, ficámos entusiasmados com os progressos feitos até agora.»

NATO

aliança defensiva

Interrogado sobre notícias que indicavam que esta brigada iria ser utilizada no estrangeiro, Alexander Haig salientou que «todos os membros da NATO podem, em situações de crise, destacar forças para o estrangeiro», acentuando que, no entanto, «esta aliança é uma aliança defensiva em que os seus membros são nações soberanas que continuam a sê-lo dentro da NATO. Num sentido mais lato, a participação das nações da NATO no esforço colectivo de defesa é uma política de segurança, em que são preservadas a sua nacionalidade e soberania.»

A uma pergunta sobre eventuais pressões da NATO sobre as autoridades portuguesas quanto à nomeação de comandos, Haig recordou que as forças nacionais integradas na NATO mantêm comandos nacionais e que, quanto a pressões, «não posso informações que confirmem isso.»

Quanto a uma divergência entre a Constituição Portuguesa, que aponta para a dissolução de blocos militares e a participação de Portugal na Aliança, Haig começou por afirmar que a pergunta é essencialmente política, e que apenas «comento que a NATO tem sido uma aliança defensiva em contraste com a situação que verificamos no Pacto de Varsóvia, com a crescente modernização das forças do Pacto e com o carácter essencialmente ofensivo dessa moder-

Recordando que, ao longo de 27 anos, «este esforço colectivo de segurança tem preservado a paz na Europa, pelo menos», Haig acrescentou que «até as nações concordarem nas reduções mútuas de armamento, é no interesse da preservação da nacionalidade dos Estados-membros o assegurar que se mantenha o necessário equilíbrio com a crescente capacidade do Pacto de Varsóvia.»

Sobre a existência de armas nucleares em Portugal, o comandante supremo da NATO afirmou que se tem seguido uma política de não divulgação da localização dos sistemas nucleares, e, que, portanto, não iria deixar de seguir essa política.

Por outro lado, Haig afirmou não concordar com a descrição feita por um jornalista, de que Portugal seria o elo fraco na cadeia dos membros da NATO.

«Já beneficieei, em tempo de crise, da participação de Portugal, e estou muito satisfeito com o nível de participação de Portugal» — declarou.

Interrogado sobre a adesão da Espanha à NATO, o general Alexandre Haig, salientou que se trata de uma questão política, acrescentando que as medidas nesse sentido «teriam de ter o consenso dos países membros, do povo espanhol e Governo espanhol.»

«Sempre declarei — disse — ser a favor da crescente integração e relações da Espanha com a Comunidade Económica Europeia, e com a comunidade atlântica em geral, e o processo revolucionário em curso na Espanha é favorável a isso.»

Eanes recebeu Haig

Antes, cerca das 7 e 30, o comandante supremo da NATO fora recebido, no Restelo, pelo Presidente da República e chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, general Ramalho Eanes, com quem travou conversações, na presença de alguns oficiais-generais e dos chefes dos Estados-Maiors dos três ramos das Forças Armadas.